

CONCOURS GÉNÉRAL DES LYCÉES

—

SESSION 2022

—

VERSION ET COMPOSITION EN LANGUE PORTUGAISE

(Classes de terminale voie générale et toutes séries technologiques)

Durée : 5 heures

—

L'usage de tout dictionnaire est interdit

Consignes aux candidats

- Ne pas utiliser d'encre claire
- N'utiliser ni colle, ni agrafe
- Numéroté chaque page en bas à droite (numéro de page / nombre total de pages)
- Sur chaque copie, renseigner l'en-tête + l'identification du concours :

Concours / Examen : CGL

Epreuve : 101

Matière : PORT

Session : 2022

O vendedor de passados

Félix Ventura estuda os jornais enquanto janta, folheia-os atentamente, e se algum artigo lhe interessa assinala-o a tinta lilás com uma caneta. Termina de comer e então recorta-o com cuidado e guarda-o num arquivo. Numa das prateleiras da biblioteca há dezenas destes arquivos. Numa outra dormem centenas de cassetes de vídeo. Felix gosta de gravar noticiários, acontecimentos políticos importantes, tudo o que lhe possa ser útil um dia. As cassetes estão ordenadas por ordem alfabética, segundo o nome da personalidade ou do acontecimento a que se referem. O jantar dele resume-se a uma tigela de caldo verde, especialidade da Velha Esperança, a um chá de menta, a uma grossa fatia de papaia, temperada com limão e uma gota de vinho do Porto. No quarto, antes de se deitar, veste o pijama com tal formalidade que eu fico sempre à espera de o ver atar ao pescoço uma gravata escura. Esta noite, o estrídulo da campainha interrompeu-lhe a sopa. Isso irritou-o. Dobrou o jornal, levantou-se com esforço e foi abrir a porta. Vi entrar um homem alto, distinto, nariz adunco, as maçãs de rosto salientes, bigode farto, curvo e lustroso, como não se usa há mais de um século. Os olhos, pequenos e brilhantes, pareciam apoderar-se de todas as coisas. Vestia um fato azul, de corte antiquado, que no entanto lhe ficava bem, e segurava na mão esquerda uma pasta em cabedal. A sala ficou mais escura. Foi como se a noite, ou alguma coisa ainda mais enlutada do que a noite, tivesse entrado juntamente com ele. Mostrou um cartão-de-visitas. Leu alto:

“Félix Ventura. Assegure aos seus filhos um passado melhor”. Riu-se. Um riso triste, mas simpático: “É o senhor, presumo? Um amigo deu-me este cartão.”

Não consegui pelo sotaque adivinhar-lhe a origem. O homem falava docemente, com uma soma de pronúncias diversas, uma subtil aspereza eslava, temperada pelo suave mel do português do Brasil. Félix Ventura recuou:

“Quem é você?”

O estrangeiro fechou a porta. Passeou pela sala, as mãos cruzadas atrás das costas, detendo-se um largo momento em frente ao belo retrato a óleo de Frederick Douglass. Finalmente sentou-se numa das poltronas e com um gesto elegante convidou o albino a fazer o mesmo. Parecia ser ele o dono da casa. Amigos comuns, disse, e a voz fez-se ainda mais suave, tinham-lhe indicado aquele endereço. Haviam-lhe falado num homem que traficava memórias, que vendia o passado, secretamente, como outros contrabandeavam cocaína. Félix olhou-o desconfiado. Tudo no estranho o irritava — os modos doces e ao mesmo tempo autoritários, o discurso irónico, o bigode arcaico. Sentou-se num majestoso cadeirão de verga, no extremo oposto da sala, como se receasse ser contagiado pela delicadeza do outro.

“Posso saber quem é você?”

Também dessa vez não obteve resposta. O estrangeiro pediu licença para fumar. Tirou do bolso do casaco uma cigarreira de prata, abriu-a e enrolou um cigarro. Os seus olhos saltitavam de um lado para o outro, numa atenção distraída, como uma galinha ciscando entre a poeira. Deixou que o fumo se espalhasse e o cobrisse. Sorriu num inesperado fulgor:

“Mas diga-me, meu caro, quem são os seus clientes?”

Félix Ventura rendeu-se. Procurava-o, explicou, toda uma classe, a nova burguesia. Eram empresários, ministros, fazendeiros, camanguistas¹, generais, gente, enfim, com o futuro assegurado. Falta a essas pessoas um bom passado, ancestrais ilustres, pergaminhos. Resumindo: um nome que ressoe a nobreza e a cultura. Ele vende-lhes um passado novo em folha. Traça-lhes a árvore genealógica. Dá-lhes as fotografias dos avôs e bisavôs, cavalheiros de fina estampa, senhoras do tempo antigo. Os empresários, os ministros, gostariam de ter como tias aquelas senhoras, prosseguiu, apontando os retratos nas paredes — velhas donas de panos,

¹ um camanguista: (em Angola) vendedor de diamantes

legítimas bessanganas² —, gostariam de ter um avô com o porte ilustre de um Machado de Assis, de um Cruz e Sousa, de um Alexandre Dumas, e ele vende-lhes esse sonho singelo.

“Perfeito, perfeito.” O estrangeiro alisou o bigode. “Foi isso que me disseram. Eu preciso dos seus serviços. Receio aliás que lhe vá dar bastante trabalho.” [...]

50 O albino levantou-se e desapareceu na direção da cozinha. Voltou pouco depois segurando com ambas as mãos uma garrafa de bom tinto português. Mostrou-a ao estrangeiro. Ofereceu-lhe uma taça. Perguntou:

“Posso saber o seu nome?”

55 O estrangeiro estudou o vinho contra a luz do candeeiro. Baixou as pálpebras e bebeu devagar, atento, feliz, como quem segue o voo de uma fuga de Bach. [...]

“Tive muitos nomes, mas quero esquecê-los a todos. Prefiro que seja você a baptizar-me.”

Félix insistiu. Precisava de saber, no mínimo, em que se ocupavam os seus clientes. O estrangeiro ergueu a mão direita, uma mão larga, de dedos compridos e ossudos, numa vaga recusa. Depois baixou-a e suspirou:

60 “Tem razão. Sou repórter fotográfico. Recolho imagens de guerras, da fome e dos seus fantasmas, de desastres naturais, de grandes desgraças. Pense em mim como uma testemunha.”

Explicou que pretendia fixar-se no país. Queria mais do que um passado decente, do que uma família numerosa, tios e tias, primos e primas, sobrinhos e sobrinhas, avós e avôs, inclusive duas ou três bessanganas, embora já todos mortos, naturalmente ou a viverem no exílio, queria mais do que retratos e relatos. Precisava de um novo nome, e de documentos nacionais, autênticos, que dessem testemunho dessa identidade. O albino ouvia-o aterrado:

65 “Não!”, conseguiu dizer. “Isso eu não faço. Fabrico sonhos, não sou um falsário... [...]

AGUALUSA José Eduardo. *O Vendedor de Passados*. Publicações Dom Quixote, 2007.

² uma bessangana: (em Angola) senhora africana de classe média

Texte : O vendedor de passados

L'usage du dictionnaire est interdit

Travail à faire par le candidat

I. ÉTUDE DU TEXTE

1. Apresente, em pormenores, a atividade profissional de Félix Ventura.
2. Caracterize a personagem do estrangeiro e a sua atitude.
3. Qual é o objetivo da visita do estrangeiro?
4. Analise e comente as reações de Félix Ventura ao longo deste trecho.
5. Estude o ambiente que se destaca deste encontro.

II. ESSAI

"Falta a essas pessoas um bom passado, ancestrais ilustres, pergaminhos. Resumindo: um nome que ressoe a nobreza e a cultura. Ele vende-lhes um passado novo em folha. Traça-lhes a árvore genealógica." (linha 41)

A seu ver, em que medida os nossos antepassados podem tornar-se um modelo na construção da nossa identidade, da nossa vida social e profissional? Apresente a sua opinião numa composição cuidada e ilustrada com exemplos.

III. TRADUCTION

Passe para o francês o trecho de *"Vi entrar um homem alto, distinto, nariz adunco..."* (linha 12) até *"... como outros contrabandeiam cocaína."* (linha 29)